

Povos Indígenas no Brasil

Fonte

O Popular (Goiás)

Class.:

25

Data

27 de setembro de 1988

Pg.:

Linguística

4468 Computação busca linguagem natural

Uma das maiores buscas tecnológicas hoje é programar um computador capaz de se comunicar com o homem em linguagem natural, e não artificial, como ocorre atualmente. Para tanto, firmas de computação dos países desenvolvidos criaram departamentos de linguística, com objetivo de fornecer dados para os chamados computadores de quinta e sexta geração. PhD em Linguística pela Universidade da Califórnia-Berkeley, a professora Raquel Figueiredo Alessandri Teixeira, coordenadora de assuntos internacionais da reitoria da UFG, partiu para Paris, na última semana, exatamente para ministrar um curso sobre o assunto de sua tese - Anáfora -, um dos pontos importantes a ser estudado em linguística computacional.

Anáfora, como explica Raquel - também professora de linguística no mestrado da UFG, vice-diretora do ICHL, pesquisadora do CNPq e coordenadora de pesquisa em língua indígena do Museu Antropológico da UFG - é um mecanismo linguístico que as pessoas se utilizam, de forma inconsciente, para atribuir significado a palavras que são vazias de referência no mundo real. "O valor teórico de se entender o processo de anáfora é muito grande, porque essas ligações coesivas e de coerência são muito difíceis de ser programadas. Então, há interesse de se saber como as várias línguas do mundo fazem esta ligação e quais os mecanismos que utilizam para expressar esse fenômeno", explica a linguista.

Além do curso sobre Anáfora, que Raquel está ministrando na École des Hautes Études en Sciences Sociales, ela vai proferir conferência na Meson de l'Homme, sobre línguas indígenas brasileiras e seus aspectos antropológicos. Segundo a pesquisa-

dora, são faladas hoje no país 170 línguas indígenas, mas apenas 40% tem algum tipo de estudo. Ela conta que, quando Cabral chegou ao Brasil, essas línguas já existiam e em número bem maior. Os dois maiores troncos da língua indígena são o Tupy e o Macro-jê. O Tupy-Guarani, ao contrário do que muitos pensam, é apenas uma família com várias línguas. "O estudo de cada uma tem grande importância, não só pelos aspectos cultural, antropológico e social, mas também científico.

De Paris, a pesquisadora parte para a Alemanha, a convite da Universidade de Colônia, para conhecer o projeto de Universais Linguísticos



Em Paris, Raquel ministra curso sobre sua tese, um dos pontos importantes em linguística computacional

daquele estabelecimento e convidar dois pesquisadores do projeto, a pesquisar sobre línguas indígenas faladas em Goiás. Como, desde 1986, Raquel vem trabalhando numa pesquisa para o CNPq sobre Leitura, irá também a Londres, onde tem uma das mais completas bibliotecas sobre o assunto, e trocar idéias com pesquisadores do Reading Project, da Universidade de Londres. Sua pesquisa é sobre processos linguísticos e cognitivos envolvidos no processo de leitura, ou seja, como é processada na mente humana a compreensão de um texto. (Margarith Caldas)